

ENTREVISTA

TOMO a Ricardo Bak Gordon

Qual é que é a história deste museu? Como é que esta ideia surge? É um concurso? Gostava que me falasse como é que surge esta ideia de construir um novo museu dos coches e como é que esse projecto veio parar às suas mãos e do Arq. Paulo Mendes da Rocha?

O que sei é que o governo de Portugal, através do Ministro da Economia Manuel Pinho, convidou o Arq. Paulo Mendes da Rocha para realizar o projecto do Novo Museu Nacional dos Coches. É sabido que se tratava de utilizar num equipamento cultural os recursos que o Instituto do Turismo tinha de contrapartidas do jogo do Casino de Lisboa as quais deveriam ser expressamente aplicadas num equipamento cultural.

Imagino que, sendo o Museu dos Coches o mais visitado de Portugal, embora a funcionar actualmente num espaço muito interessante mas sem capacidade para apresentar a colecção de forma completa e espacialmente satisfatória, e comprometido com qualquer espécie de crescimento físico para novas valências, se tenha considerado o remate urbanístico a nascente de toda a área turístico-monumental de Belém com um novo equipamento para o Sec. XXI.

É nesta perspectiva que foi convidado o Arq^o PMR, cujo prestígio é globalmente reconhecido e cuja atribuição do Pritzker Prize apenas veio reforçar a importância do seu trabalho. Suponho que o convite directo a este arquitecto de língua portuguesa tenha que ver com a especificidade do seu trabalho ao nível do lugar público e que, no caso concreto, se aplica de forma substancial.

Também não me surpreende o facto de a arquitectura de excelência ser, hoje mais do que nunca, responsável por um entusiasmo cultural e turístico, que é por si só, objecto de interesse acrescentado.

Na sequencia do convite, o Arquitecto Paulo Mendes da Rocha, que tem como metodologia de trabalho, o estabelecimento de parcerias com outros escritórios da sua confiança, constituiu uma equipa formada pelo atelier paulista MMBB, pela AfaConsult para ser responsável pelos projectos de especialidades, e pela Bak Gordon, para ser o atelier de arquitectura em Portugal para desenvolver e acompanhar os trabalhos do Museu.

A minha relação com o Arquitecto Paulo Mendes da Rocha já vinha de trás, conhecemo-nos acerca de quinze anos, na altura em que eu pela primeira vez ganhei um concurso internacional que foi a residência da Embaixada de Portugal em Brasília, e nessa ocasião, conhecendo o trabalho do Arquitecto

Paulo Mendes da Rocha, a minha preocupação foi ir ao Brasil e tentar eu também, mais do que estabelecer uma parceria, estabelecer contactos com pessoas que me pudessem apoiar localmente e aconselhar e direccionar, para resolver algumas dificuldades que estava a antever e a antecipar.

Nessa ocasião fui directamente conhecer o arquitecto Paulo Mendes da Rocha, e mais do que lembrar a simpatia ou a generosidade com que ele me recebeu, o que posso dizer é que a partir daí ficamos efectivamente amigos e mantivemos uma relação até hoje e nesta ocasião fiquei muito honrado por ele me ter convidado para ser seu parceiro neste projecto para os coches.

Nesse seguimento, dessa história que está a contar, e da iniciativa do poder e nós sabemos que toda a História e toda a Teoria da arquitectura contam essa relação estreitíssima entre a arquitectura e o poder, convidar certamente um prémio pritzker é uma garantia de sucesso... mas, isso quer dizer que não há um reconhecimento do mérito dos arquitectos portugueses?

Não, eu acho que hoje em dia isso não pode ser visto dessa maneira.

Peço desculpa pela pergunta delicada...

Não, eu compreendo a pergunta e não é nada delicada, é perfeitamente legítima. Eu julgo que ainda não chegámos ou ainda não voltámos ao tempo de encerrar as fronteiras ao conhecimento, quer dizer talvez estejamos, infelizmente, a caminhar novamente para sair do global e voltar apenas ao local... e não sei se é bom ou mau. Nunca como agora se considerou tão seriamente a hipótese de nos voltarmos a centrar exclusivamente sobre nós próprios.

Eu julgo que ainda não chegamos aí, estamos ainda num período em que o conhecimento, que o saber, que a contaminação dos conhecimentos à volta do universo é bem-vinda e no caso concreto de que estamos a falar, quero dizer, celebrar desta forma a relação cultural entre estes países de língua portuguesa, irmãos, parece-me mais do que justo e interessante e estimulante. Agora, há outras questões que se levantam ligadas a isto, que têm a ver com atribuir um trabalho desta dimensão e natureza directamente a um convite e não fazer um concurso. É claro que essa questão levanta-se sempre. Eu acho que seria mais importante se houvesse uma sistematização da prática dos concursos públicos levada a cabo de uma forma séria e continuada, e onde depois disso houvesse lugar à excepção de um convite a um personagem, como é o caso do Arquitecto Paulo Mendes da Rocha. Portanto não vou eu por a tónica toda, neste caso concreto, quando vejo passar ao lado a construção inteira do território nacional, por exemplo e para não ir mais longe, sem um único concurso de uma forma sistematizada e que o estado não os promove

em nenhum dos ministérios, portanto não era agora aqui que se ia, digamos, vingar as desgraças da nação.

Considera que projectar Arquitectura em Portugal é metodologicamente e em termos de conteúdo igual ou semelhante a projectar Arquitectura no Brasil?

(...) Bom, eu considero que projectar arquitectura, é uma actividade que quem a faz deve poder estar preparado para a fazer em qualquer parte do mundo, porque tem a ver com uma metodologia de reflexão face a determinadas questões que uma equação coloca. Ora, se as questões que são colocadas são o programa, o lugar, o enquadramento cultural, sociológico etc., o arquitecto tem a ferramenta para digamos analisar, estudar, reflectir, investigar, para depois propor. E portanto, em Portugal, no Brasil, ou na China um arquitecto comprometido com o trabalho da arquitectura como eu a entendo, está apto a projectar em qualquer parte do mundo.

Então deixe-me reformular a pergunta, a pergunta é exactamente a mesma mas falo-lhe em termos da linguagem; A linguagem arquitectónica brasileira, estou a falar da arquitectura contemporânea, é modernista, enfim, talvez mais moderna que a arquitectura francesa nesse aspecto. Em Portugal não tanto... não sei se me faço entender...

Eu compreendo a pergunta mas não posso partilhar dessa ideia porque não tenho essa ideia, creio que a questão da linguagem não se aplica hoje dessa maneira. Portanto, fala-me da arquitectura modernista Brasileira, que de facto, é aquela que mais se conhece da escola do moderno, da escola de São Paulo, do Artigas etc., mas o Brasil de hoje é construído de muita arquitectura que já não tem essas preocupações de generosidade do espaço público, do desenho para a cidade, do atravessamento etc., e é mais construída a partir de modelos diria quase pós-modernos, aliás sociologicamente muito contrários àquilo que era a democratização da arquitectura e a generosidade de espaço público da arquitectura moderna. E como tal, não digo que haja uma linguagem, como também não acho que haja uma linguagem em Portugal, qual é a linguagem da arquitectura portuguesa? É do Álvaro Siza ou do Manuel Aires Mateus ou é do Graça Dias ou do Tomás Taveira, que ainda está vivo que eu saiba, portanto, quero dizer... não acho nem... vamos lá a ver, isto não quer dizer que eu não reconheça a questão da linguagem em arquitectura, isso são coisas diferentes. Não posso é hoje entusiasmar-me com a ideia de rotular ou catalogar os arquitectos pela sua origem. Eu valorizo os autores a reflectir e a propor e com certeza com um *background* e uma informação trazida por eles próprios que leva a que a arquitectura ganhe e se expresse de uma determinada maneira.

Em relação a este objecto específico, quais é que foram ou que continuam a ser as estratégias de projecto para a inserção do desenho deste museu naquele local?

Este museu levanta muitas e várias questões fundamentais para a sua resposta: primeiro, a localização deste edifício é um remate do espaço digamos, turístico e monumental de Belém. Ou seja nós encontramos uma espécie de faixa rectangular em frente ao rio, que começa a poente no centro cultural de Belém, que está cravada de peças turístico-monumentais de importância significativa, como é o caso da Torre de Belém, do Padrão dos Descobrimentos, do Mosteiro dos Jerónimos, do Museu da Marinha, Planetário, quarteirão medieval, do Palácio da Presidência, do Museu da Presidência, Museu dos Coches existente, praça do Império, Central Tejo etc., e todo este território merecia e tinha como expectativa o remate a nascente que nunca tinha tido lugar. E portanto, esta é a primeira questão que aqui se coloca do ponto de vista urbanístico é rematar a nascente aquilo que é o conjunto do complexo turístico-monumental de Belém.

Quanto ao museu dos Coches, propriamente dito e ao programa, importa dizer que se trata do museu mais visitado de Portugal, a maior colecção de coches do mundo, e que tem hoje cerca de duzentos e cinquenta mil visitantes ano e cuja perspectiva/expectativa é que este edifício também ajude a multiplicar esses números, até ao montante de uma espécie de um milhão de visitantes ano.

A colecção que está em Belém não está completa, existe uma outra parte importante que está no Paço de Vila Viçosa e que vai ser transportada para o museu, e o arquitecto quando está a trabalhar tem a consciência de que este complexo, este lugar, também há-de dar um contributo para que se amplie esse número de visitantes.

Ora, cruzadas estas duas componentes que é a necessidade imperiosa de rematar esta área da cidade e também criar um lugar que amplie fortemente a possibilidade dele se multiplicar do ponto de vista dos utilizadores, aparece um edifício, que aliás é um conjunto edificado que mais do que tudo é um lugar público novo, um grande lugar público, e um grande lugar público que contém um museu dos coches, mas tem muitas outras coisas, e tem fundamentalmente um pedaço de cidade, oferecido generosamente aos seus utilizadores ainda antes mesmo se decidirem a visitar ou não visitar o museu dos coches.

E grande parte é percorrível sem qualquer espécie de ingresso ou sem ter de visitar o museu...

Ora bem, talvez uma das coisas mais ricas deste projecto é a fusão entre o espaço público e o espaço privado, porque é também dentro do museu que se lança um elemento fundamental no projecto e aliás, pedido no

programa, que é uma passagem pedonal que atravessa por cima da linha de caminho de ferro, que vai até junto ao rio e á estação fluvial, ou seja o facto de se construir esta passagem dentro do edificado, o facto de se construir uma grande praça livre e de utilização pública, o facto de se usar o casario da Rua da Junqueira como elemento fundamental da proposta, dando uma nova frente àquilo que era um tardo oculto e transformando-o em fachada principal da praça do museu e refazendo aquilo que era o antigo limite da rua do porto velho, portanto, a praia de Belém, que hoje é refeita por este projecto a partir de um muro de suporte que cose as várias cotas da rua da junqueira com a cota da praça do museu e mais umas quantas outras interrelações que vocês depois poderão ver no projecto e que de facto revelam que é a construção de um lugar público, um remate permeável a partir do qual se gera uma difusão, ou seja, ao contrário exactamente daquilo que seria também possível de antever que era uma espécie de edifício que pousasse ali em que um tipo tivesse de chegar lá, batia na porta e entrava ou não entrava, aqui o que acontece é que se constrói este remate com uma permeabilidade difusa ou seja permite que os percursos se multipliquem a partir dele próprio e que se extendam sobre a Rua da Junqueira, o lado nascente da praça do museu, a Avenida da Índia etc.

Finalmente, o edifício é composto por duas construções; a que nós chamamos o edifício expositivo ou o pavilhão expositivo, e outra que se chama o edifício anexo. Estes dois edifícios que constituem o museu, constituem também uma espécie de diálogo arquitectónico entre si próprios, em que um vê o outro, e comunica com o outro. Uma figura que nós todos recordamos, diga assim, da arquitectura clássica e da história da arquitectura, que são os célebres edifícios anexos de complexos arquitectónicos como o caso da torre de pisa por exemplo, o que neste caso foi usado para responder também um pouco à geometria do lote e mais do que tudo foi usado para resolver o programa de uma forma muito eficaz.

De um lado a construção de uma grande nave com dois salões de cento e trinta metros por vinte cada um onde está exposta a colecção e depois os outros pedaços do programa que apoiam a própria colecção. E no edifício anexo encontra-se a administração, a biblioteca, o restaurante, um auditório e principalmente uma ossatura coberta mas muito esvaziada onde se cruzam uma série de percurso públicos que dá sobre a esquina da Calçada da Ajuda, Rua da Junqueira e Praça Afonso de Albuquerque.

O seu amigo e colega Paulo Mendes da Rocha tem uma frase que me impressiona muitíssimo, que conhece-a com certeza, em que ele diz: “*Cultura é algo que se cultiva.*”

Esta foi uma pergunta a que ele foi submetido; O que este museu planta de novo na cidade de Lisboa? Eu sei que a frase é dele não é sua, mas como é que entende isso? Como é que entende essa plantação de cultura na cidade de Lisboa?

Acho que aqui podíamos resgatar a sua questão anterior sobre as linguagens, ou sobre a arquitectura brasileira, ou mesmo sobre o moderno ou o contemporâneo, e eu diria que, é este arquitecto muito jovem de oitenta e três anos que nos vem trazer uma posição e um *statment* cultural que mais uma vez se pode dizer que também surge da leitura que ele faz da cidade de Lisboa, porque o projecto tem muito de Lisboa, mas no entanto trás de facto um pensamento com uma carga de liberdade, de pensar e de usar o espaço que é novo. Que é novo, e eu tenho a certeza que será novo. É novo desde logo na liberdade e na generosidade de trabalhar o espaço público, ou seja, usar o programa a favor de todos, não só daqueles que vão visitar o museu, mas sim de todos os que vão viver aquele pedaço de cidade. Esse é o primeiro aspecto.

A aliança entre o espaço público e o espaço privado, a construção de um lugar em que a linguagem é quase uma ausência, porque quem observe este edifício na procura da linguagem arquitectónica vai ficar muito “decepcionado”, porque não é a linguagem arquitectónica a sua marca fundamental, o que há é a construção de um lugar público e urbano, quero dizer, é claro que há, mas..., **(está a ser modesto)** mas não é a face prioritária do trabalho, quero dizer, **(sim, conceptualmente)** não é a Zaha Hadid, não é Frank Gehry, é a construção de um lugar que antes de mais dá visibilidade e valor ao que já existia antes, aquilo que é verdadeira mente perceptível no projecto é a construção deste lugar, na maneira como se pode repensar a cidade, na maneira como se pode transformar a cidade oculta e revela-la como é o caso do casario da Rua da Junqueira, que são casas humildes de pessoas que estão a fazer a barba numa janela, têm as cuecas penduradas, e que de repente são protagonistas de uma nova vivencia. É o verdadeiro trabalho de resignificar o lugar. Amparar a imprevisibilidade da vida, que o Paulo Mendes da Rocha fala permanentemente, também joga aqui um papel incrível e fundamental que é; não se sabe o que é que vai acontecer ali e é exactamente esse não se saber que é maravilhoso. É que podem acontecer muitas coisas, e aquilo ampara, aquele edifício, aquela complexidade urbana ampara essas possibilidades variadas que venham a existir ali. Ora estas várias posições que o edifício suscita, são cultura, e são uma cultura nova e são uma cultura que vai fazer pensar as pessoas.

Usou uma expressão quando falou do homem que faz a barba á janela, disse: “protagonista”. Que espécie de cena é que aquela arquitectura pode encenar?

A nova?

A nova, claro obviamente. Quando projecta, imagina... Que protagonista é esse que vai lá? Quem é essa pessoa? Quando projecta, enquanto projecta que mundo ficcionado é esse que através do desenho, imagina um espaço que ainda não existe? Que vai lá buscar ao tempo, lá á frente?

Quando se projecta, projecta-se com as nossas convicções! Neste caso é muito claro, projecta-se a pensar numa cidade plural, livre, de múltiplas possibilidades! Projecta-se não com o desejo de definir e condicionar o futuro, mas sim com a consciência de que é possível contribuir, num processo indutivo, para uma melhoria de condições de vida. Imaginam-se novos lugares e pessoa, que em termos de encenação apenas poderá corresponder ao Teatro da Vida!

Portanto política no sentido de polis?

Exacto, cidade democrática, de construção de um lugar plural. E isso quer dizer, isso é a prova de que nós às podemos dar às pessoas um bem não material, e as pessoas são sensíveis a isso e reconhecem. Um lugar novo na cidade com esta generosidade, eu acho que é uma contribuição significativa.

Enquanto falava, estava-me a lembrar, de qualquer forma já trazia mais ou menos esta pergunta engatilhada. Penso que de alguma forma esta obra, com as devidas discrepâncias temporais pode acabar por ser, ela tem um carácter de monumento em si própria... se calhar não concorda comigo, sim, eu acho que ela provavelmente vai ter mais ou menos a mesma função de objecto cultural, objecto artístico se quiser, ou objecto estético quase a mesma importância que teve o MASP em São Paulo. Concorda comigo ou não?

Porque é similar, com todas as diferenças da topografia... que a sua obra devolve o rio às pessoas. Aquela cicatriz que o comboio faz, ela tenta ultrapassar sem ser com o equipamento....

E o MASP também resolve uma série de questões de complexidade urbana, constrói um lugar público onde não havia, resolve um problema territorial que estava por resolver que tem a ver com o próprio vale que atravessa sobre a Avenida Paulista, constrói um grande equipamento cultural que de facto recentra toda a experiência da própria vida cultural da Paulista

que já de si é uma linha de nível importante, central da construção da cidade e do desenho da cidade de São Paulo e finalmente ainda esta outra característica, também divide o programa em duas áreas muito claras que é o pavilhão suspenso e depois todas as outras construções que se encastram ou encastram entre a Paulista e o vale. Portanto, e pelo seu desenho e pela sua força e pelo seu nível de abstracção, e aí sim eu acho que é um aspecto importante porque o que aqui se verifica é que há uma espécie de linguagem eu diria quase de uma certa abstracção da forma a favor da construção de um lugar...

Que ultrapassa os limites do objecto.

Que ultrapassa os limites do objecto, exactamente. E portanto eu estou convencido que sim, aliás não tenho dúvida que este lugar vai atrair muita gente e parte dessa gente são pessoas que vão ser sensíveis claramente à construção arquitectónica de todo o complexo.

Por falar em sensibilidade na orla arquitectónica, nós conhecemos a crítica e alguns críticos... sabe que muito provavelmente, muita da crítica da arquitectura que se fará a propósito da sua obra, dirão que há uma espécie de *desenquadramento*, não é que eu esteja de acordo, pelo contrário, se me é permitido, para perceber o que é que eu acho acerca desse tema, não me choca nada ter edifícios contemporâneos com edifícios com mais de quinhentos anos ao lado ou até mais. Se nós nos lembrar-mos aqui a subir a rua que a igreja de Santo António tem mais ou menos a mesma *décalage* de tempo em relação à Sé, e tapa-a.

Evidente.

Quer dar uma resposta a essa hipotética crítica?

Muito brevemente posso dizer que eu entendo que a cidade é um organismo vivo, e portanto funciona um pouco como um palimpsesto. Além de ser um organismo vivo, há um carácter de sobreposição e de coabitação em todas as cidades se forem vivas. Se não forem, transformar-se-ão num parque temático ou num vazio! Se observarmos o território urbanístico de Belém, iremos verificar que já coabitam construções importantes de diferentes épocas, como é o caso do Mosteiro dos Jerónimos com o Museu de Marinha e o Planetário, o Centro Cultural de Belém e o Paredão dos Descobrimentos, o Palácio de Belém (também ele significativamente alterado ao longo dos séculos) e o edifício da Central Tejo, ou seja, a cidade que não é senão um processo de continuidade onde naturalmente o Novo Museu dos Coches saberá, e bem, integrar-se de forma simultaneamente afirmativa e natural.

Aquele percurso urbano é portanto uma boa aula de História da Arquitectura...

Sim de certeza, para quem esteja disponível para entendê-la.

Estamos a falar de tempo, de memórias. O museu guarda memórias, memórias de todos e também democráticas essas memórias, como é que se desenha um espaço para albergar memórias?

Bom, o conteúdo dos museus varia sempre muito consoante o programa. Nós aqui estamos perante uma colecção muito particular. É uma máquina, é um meio de transporte pertencente a uma determinada época da história entre o século XV e século XIX, mas que naturalmente nos transporta para um enquadramento histórico que merece ser apreciado e estudado através de usos que neste caso concreto tem que ver com o transporte e a mobilidade. E ainda, o facto de se tratar da mais importante e completa colecção de Coches do mundo. O objectivo é preservar esse tesouro, ao mesmo tempo que se permite e partilha a visitaçao do espólio.

O museu é uma espécie de estojo de carácter abstracto onde o tesouro possa ser guardado e protegido para que possa ser perpetuada a sua existência ao longo do tempo. Ou seja, que lugar se construiu? Construiu-se um lugar extraordinariamente simples e abstracto, paredes altas, brancas, formas de salas muito puras...para quê? Para que o que se valorize concretamente seja efectivamente o conteúdo, o conteúdo do museu, ou seja os coches, da sua talha dourada, das suas madeiras, das suas cores, dos seus tecidos, dos seus metais etc. e pergunta-se: o outro edifício onde os coches existem hoje tem um enquadramento barroco, o antigo picadeiro Real, os tectos pintados e tal... bom, mas aqui não é essa opção. Aqui a opção é revelar os coches de modo a que a nossa atenção se focalize efectivamente nos coches.

Os automóveis antigos também andam na auto-estrada.

Absolutamente, são as nossas máquinas da época.

Portanto também podem estar em espaços novos.

Claro, claro.

Em que provavelmente os valorizamos. O antigo Picadeiro Real era um espaço completamente claustrofóbico...

Tem os coches um pouco encavalitados uns em cima dos outros.

Tenho uma pergunta que acho que é um pouco indelicada fazer-lhe, mas, ainda assim, fá-la-ei na mesma: li numa entrevista que deu à Revista AU/PINI que há um pequeno equipamento, e já estamos a falar de design e não exactamente em arquitectura, que serve de letreiro ou como

suporte com uma explicação, penso eu, dos coches, mas que, permita-me do meu ponto de vista cortam-lhe a leitura daqueles objectos daquele espaço que eu acho que os alcança e que os evidencia muito bem. Dá-me ideia que há uma espécie de diálogo muito feliz entre o objecto coche e o espaço onde ele está, em que um dá crédito ao outro, e isso é uma coisa feliz, mas do meu ponto de vista, é cortado por aquelas peças horizontais...

Um outro aspecto que hoje nenhum museu de grande escala pode pôr de lado, é a questão da informação, e há muita gente a estudar a questão da museologia, da museografia, da sinalética em espaços museológicos etc. De que é que estamos a falar? Estamos a falar da informação mínima e indispensável de cada peça, estamos a falar dessa informação estar traduzida em três idiomas pelo menos, estamos a falar de alguns elementos multimédia que acompanham muitas vezes as explicações ou amparam as leituras dos objectos estáticos, estamos a falar de proteger fisicamente os objectos para que as multidões de turistas não se atirem para dentro dos coches. A Directora do museu conta uma história em que já apanhou tipos sentados dentro dos coches. Ou seja, estamos a falar....

É porque aquilo marca um limite...

Pensou-se que havia de se encontrar uma solução que a um só tempo devesse responder a todas estas exigências que lhe referi. Os Arquitectos e Designers que fazem parte da equipa e que se concentraram particularmente em estudar essas questões imaginaram um objecto, que é esse limitador físico que se assenta no pavimento, e que acaba por flutuar quase junto ao chão. Objecto esse que consegue afastar as pessoas para que não se agarrem aos coches sem que seja um elemento muito presente vertical, com cordas ou sem ter etc., e que ao mesmo tempo possa conter todos estes elementos que são as várias legendagens, as traduções, eventualmente um monitor que está a mostrar aquele coche com a Rainha de Inglaterra quando veio visitar Portugal, e por aí a fora....

Sim, em que eles funcionam sobretudo como suporte. Certo.

A minha pergunta, eu fi-la, porque quando vi as imagens dessa entrevista (vi no *youtube* quatro ou cinco minutos, acredito que a entrevista fosse maior), achei que o próprio espaço que o Ricardo desenhou já não incentivava a que as pessoas tocassem nos objectos expostos.

Eu compreendo a pergunta mas você tem de considerar que estamos a falar de muita gente...

Percebo. Mas tenho, terá também com certeza, pena. Não podia ter resolver esse assunto de uma forma menos “delimitativa”?

Sim, até gostaria que, quero dizer, tanto eu como o Paulo Mendes da Rocha sempre sonhámos numa amostragem dos coches diferente daquela que efectivamente vai ter lugar.

E qual era?

Era de facto entender que o espólio se preservava como numa reserva em que os coches poderiam estar todos arrumados de uma forma até bastante mais sistematizada e depois de x em x tempo destacar um ou outro para poder ver então em pormenor. Mas, quando se olha do ponto de vista da museologia, é muito difícil convencer um director de museu de que um tipo olha para aquela colecção de setenta coches e diz assim: “epá, isto é tudo mais ou menos a mesma coisa, eu vou destacar aqui quatro e os outros ficam arrumadinhos”, porque cada um tem a sua história, tem a sua lenda, tem a sua especificidade, foi mandado construir por determinado Rei, viajou daqui para ali, e portanto se um tipo de alguma forma optar por simplificar a história do conteúdo não é efectivamente muito bem recebido, ou seja, acabou por de facto se encontrar um solução que vai agrupando os coches do ponto de vista cronológico, tipológico etc. e contando de facto a história, troço a troço, daquilo que é a cronologia e as especificidades de cada um dos coches e depois de outros materiais expositivos que também existem como fardamentas, arreios, tecidos e tapeçarias, alguma pintura...

Sim, daquilo que eu me lembro do museu antigo, portanto, era/é (ainda) uma garagem...

Muito obrigado!